



SEÇÃO

A figura de Débora: uma análise sobre as memórias contidas em Juizes 4-5

Deborah's figure: an analysis of the memories contained in Judges 4-5

La figura de Deborah: un análisis de los recuerdos contenidos en Jueces 4-5

Leide Jane Soares Dos Santos¹

orcid.org/0000-0002-4046-7903
leidejanehsc@hotmail.com

Recebido em: 10/12/2019.
Aprovado em: 18/3/2020.
Publicado em: 23/12/2020.

Resumo: As memórias de Débora contidas em Juizes 4-5 pertencem a dois conflitos diferentes sobre acontecimentos turbulentos do século 10 a.C, um na região do Monte Tabor e o outro no Vale de Jezrael. Com o advento da Escrita, Israel Norte produziu o que seria o livro dos "salvadores e libertadores" do povo, texto que posteriormente foi inserido na memória do Sul. Este trabalho, por meio de estudo bibliográfico, realizou uma análise sobre as memórias de Débora contidas nesse antigo relato. Para alcançar o objetivo de analisar as recordações de Débora contidas em Juizes 4-5 discutimos à luz dos referenciais teóricos sobre as imagens contidas no texto. As leituras apontaram para questões como o papel de Débora na sociedade de Israel Norte já que ela é chamada de mãe, profetiza, guerreira e juíza. Os simbolismos por trás do julgamento na montanha e debaixo de uma tamareira levam a perguntas sobre as formas de culto daquela época, também o simbolismo com o nome de "abelha" e o apiário em Tel Rehov. Os indícios levantam a hipótese de Débora ser uma representante do culto feminino ou até divindade feminina do antigo Israel.

Palavras-chave: Débora. Memórias. Juizes. Israel Norte.

Abstract: Deborah's memoirs in Judges 4-5 belong to two different conflicts over turbulent events of the 10th century BC, one in the Mount Tabor region and the other in the Valley of Jezrael. With the advent of Writing, North Israel produced what would be the book of the "saviors and liberators" of the people, a text that was later inserted in the memory of the South. To reach the objective of analyzing Deborah's recollections contained in Judges 4-5 we discussed in the light of the theoretical references on the images contained in the text. The readings pointed to issues such as Deborah's role in northern Israel society as she is called a mother, prophet, warrior, and judge. The symbolism behind the mountain judgment and under a date palm leads to questions about the forms of worship of that time, also the symbolism by the name of "bee" and the apiary in Tel Rehov. Evidence suggests that Deborah is a representative of female worship or even female deity of ancient Israel.

Keywords: Deborah. Memories. Judges. North Israel.

Resumen: Las memorias de Deborah en Jueces 4-5 pertenecen a dos conflictos diferentes sobre eventos turbulentos del siglo 10 a. C., uno en la región del Monte Tabor y el otro en el Valle de Jezrael. Con el advenimiento de la escritura, el norte de Israel produjo lo que sería el libro de los "salvadores y libertadores" del pueblo, un texto que luego se insertó en la memoria del sur. Para alcanzar el objetivo de analizar los recuerdos de Deborah contenidos en Jueces 4-5, discutimos a la luz de las referencias teóricas sobre las imágenes contenidas en el texto. Las lecturas apuntaban a cuestiones como el papel de Deborah en la sociedad del norte de Israel, ya que la llaman madre, profeta, guerrera y jueza. El simbolismo detrás del juicio de la montaña y bajo una palmera datilera lleva a preguntas sobre las formas de adoración de esa época, también el simbolismo con el nombre de "abeja" y el apiario en Tel Rehov. La evidencia sugiere que Deborah es una representante de la adoración femenina o incluso de la deidad femenina del antiguo Israel.

Palabras clave: Deborah. Recuerdos. Jueces. Israel Norte.



¹ Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU), São Paulo, SP, Brasil.

Introdução

O Cântico de Débora é considerado por um grande número de autores como parte da "Obra Histórica Deuteronomista", junto com os livros de 1-2 Crônicas, Esdras, Neemias, Ester e Rute, Juízes, Samuel, e o Deuterônômio, sendo relacionados por conteúdo, vocabulário e estilo semelhantes. O processo redacional do livro de Juízes sofreu intervenções ao longo da história que passaram por três importantes fases: período em que Israel estava sob o domínio assírio, período neobabilônico e período persa, sendo que cada fase teria deixado marcas no texto de acordo com a teologia e ideologias próprias de cada época e contexto. Sendo assim, os textos teriam passado por revisões literárias desde o séc. 7 a.C. até o final do séc. 5 a.C. (RÖMER, 2008, p. 70; ALMADA, 2008, p. 41; FINKELSTEIN; SILBERMAN, 2003, p. 329-392).

Uma teoria importante ressaltada por alguns autores como Römer (2008, p. 94); Lanoir (2010, p. 333); Kaefer (2017, p. 58); Finkelstein e Silberman (2003, p. 329-392); dentre outros, defende que o autor deuteronomista tenha elaborado o livro de Juízes a partir de um rolo israelita vindo do Reino do Norte após sua queda e migração do povo e da herança cultural para o Sul contendo a história de salvadores e libertadores de Israel. Essa hipótese é evidenciada pelo fato de todos os juízes terem sua origem no território nortista, com exceção de Otoniel.

Segundo os autores citados acima, a hipótese do "Livro dos Salvadores" continha histórias próprias da literatura e do imaginário do povo do Norte, no qual os relatos eram relacionados à libertação da opressão sofrida. Esta coleção seria em sua origem um texto independente de heróis e libertadores do qual os autores deuteronomistas se apropriaram para sua cultura e realidade quando o Reino do Sul precisou elaborar sua história (VAN SETERS, 2008, p. 345-353).

Como premissa para este estudo é importante ressaltar que a defesa de um texto originário do Reino do Norte é possível, pois a escrita se desenvolveu nesse território entre 850-750 a.C. enquanto só apareceria em Judá por volta do

séc. 701-800. com a queda do Reino do Norte (SCHMID, 2013, p. 56). Portanto, é possível afirmar que textos complexos poderiam ser produzidos em Israel e na língua hebraica a partir do século 9 a.C, possibilitando a redação do livro dos libertadores e salvadores.

Em relação ao Cântico de Débora, autoridades que estudam o hebraico bíblico como Young (2005, p. 341-351) consideram que o hebraico antigo contido no texto não atesta sua antiguidade, pois pode indicar apenas um conhecimento do autor acerca de termos arcaicos utilizados para embelezar o texto. Contudo, a expansão e desenvolvimento do Reino do Norte e as evidências arqueológicas sobre o aparecimento da escrita datadas no mesmo período nos permitem a defesa de sua antiguidade.

1 O Cântico de Juízes 5 e sua conexão com o capítulo 4

A questão da historicidade da canção e sua conexão com o capítulo 4 é uma discussão quase tão complexa quanto a do texto da canção. Antes da idade moderna, assumiu-se que tanto a narrativa quanto a canção eram relatos históricos e poderiam ser tratados como tais. Mesmo durante a era moderna, esses textos ainda foram usados como guia para a interpretação dos dados arqueológicos das áreas em torno de Taanaq e Meguido. Devido a isso, as escavações na área progrediram, no entanto, tornou-se cada vez mais difícil conciliar os eventos nos Juízes 4 e 5 com qualquer atividade histórica particular, de modo que na arqueologia moderna reconstruções do período deixaram de depender de uma ou outra explicação bíblica e passou a crer apenas na evidência

A conexão entre Juízes 4 e 5 também está em questão para Lamontagne (2013, p. 4-30), segundo o autor, os comentaristas geralmente trataram os textos como histórias separadas de um único evento e os diferenciaram dizendo que os redatores foram informados por fontes distintas, Débora escreve o cântico enquanto o historiador escreveu a narrativa. Outro aspecto é a ideia de que sendo os textos de diferentes gêneros, justifica-se o fato de terem preservado

diversos aspectos do evento. Hoje é mais comum encontrar comentaristas que argumentam sobre a dependência direta entre eles, na medida em que um foi composto com base no outro, o que exige uma explicação de como as diferenças surgiram. O fato é que de algum modo os textos estão relacionados, como uma unidade única e coerente e segundo o autor deve ser interpretada como uma narrativa (LAMONTAGNE, 2013 p. 4-30).

Dissertando sobre esta mesma temática, Mayfield (2009, p. 306-305) sugere que o canto já existia quando a narrativa foi escrita. Ele concorda, com a maioria dos estudiosos em nossa bibliografia, que o cântico representa possivelmente o material bíblico mais antigo por causa de sua linguagem e gênero arcaico preservado próximo a sua forma original.

O autor observa que a ausência de Judá na lista de tribos, a natureza arcaica da língua e o reconhecimento do poeta da simultaneidade cronológica dos tempos de Jael e Samgar, sugere que a lista de dez tribos fornece o melhor meio de datação do poema, quando comparado com outros meios, como a linguística. Mais especificamente, estes autores datam a música para 1025 a. C, cerca de cem anos após o evento real, com base em características estilísticas, como a repetição.

Finkelstein (2017, p. 80-91) propõe que o material original heroico e oral por trás desses capítulos representa duas tradições diferentes: a primeira incorporada ao capítulo 4, com origem na área do Monte Tabor e nas colinas a leste e nordeste, tendo a cidade de Harosheth-ha-goiim em seu núcleo. O outro, parte do capítulo 5, 19-22, veio do sudoeste do Vale de Jezrael. Essas tradições representam memórias de eventos turbulentos do século 10 a.C, a queda das últimas cidades-estados cananeias tardias, e a tomada da região por montanhese israelitas pouco antes, ou nos primeiros dias da ascensão do país. O Reino do Norte.

O texto foi escrito pela primeira vez por um autor norte-israelita na segunda metade do século 8 a.C. Esse autor tinha apenas um conhecimento vago da tradição do vale ocidental; portanto, enquanto compunha o cântico inicial, ele "importou" detalhes do capítulo 4, fundiu os dois contos em

uma única conta e "expandiu" ambos para retratar uma cena israelita ampla vinda do Norte. Um autor deuteronomista do final do século 7 a.C. inseriu os quadros característicos do Livro dos Juízes, harmonizou o capítulo 4 com a história de Jabin em Josué 11, e incluiu outras notas explicativas como a intervenção divina no capítulo 4. Um autor deuteronomista também introduziu a adoração dos segmentos YHWH no capítulo 5 (FINKELSTEIN, 2017, p. 80-91).

O Cântico de Débora (Jz 5) é uma poesia que enaltece a morte de Sísara, um general cananeu que oprime o povo com seu exército, sob as ordens do rei Jabim que reinava em Hazor (4,1-2). Débora, profetiza e juíza em Israel (4,4-5), une-se a Barac, filho de Abnoem (4,6) para entoar um cântico de vitória, porque assim como profetizou Débora (4,9), YHWH entregou Sísara nas mãos de uma mulher, Jael (4,17-22), e a libertação chegou a Israel (4,23-24).

Os textos de Juízes 4-5 têm estruturas diversas, mas juntos são igualmente necessários para compreender o quadro unificado da narrativa, assim como os múltiplos sentidos que ambos os textos ressaltam (BRENNER, 2001, p. 124). O capítulo 4 está em forma de prosa, diferente do capítulo 5 que está em forma de hino e provavelmente contém as tradições mais antigas do povo de Israel (KAEFER, 2016b, p. 3-4).

Juízes 4-5 geram interpretações concorrentes. Estudiosos retratam a identidade primária de Débora de várias maneiras – profetiza, mãe, guerreira, juíza – para compreender seu comportamento. Além disso, a erudição como um todo é ambígua em relação à figura de Jael. Ela foi descrita tanto como uma robusta defensora da fé israelita, quanto uma enganadora sedutora. Da mesma forma, Barac é retratado como um personagem frágil e assustado dentro de uma história dominada por mulheres, ou como o verdadeiro guerreiro, o verdadeiro juiz da história. Além disso, os intérpretes debatem o papel da divindade israelita. Para o autor fica a pergunta se Deus não tem papel dentro da história, ou ele serve como força motriz da narrativa (MAYFIELD, 2009, p. 306-305).

Mayfield comenta que segundo seu referencial bibliográfico, não há uma perspectiva de gênero

no capítulo 4 e 5, observando que Barac perde um pouco da glória, mas permanece vitorioso no final. Além disso, Barac não é envergonhado por causa da ajuda que recebe de Débora e Jael. Afirma também que Juizes 4 representa a única geograficamente detalhada história que temos do norte de Israel. No entanto, a geografia é confusa e contraditória, levando a concluir que um redator tardio da Judeia, ignorante da topografia do norte, criou a confusão preenchendo detalhes incorretos como a localização de Débora, Jabin, Sisara, Barac e Jael, adicionando assim uma redação orientada para a Galileia (MAYFIELD, 2009, p. 306-305). Apesar disso, Jz 5 parece dar ainda mais atributos sobre as formas de culto dos inícios de Israel. Sendo o Cântico um texto com trechos arcaicos e outros reelaborados a partir de ideologias deuteronomistas compostos possivelmente para dar um desfecho ao capítulo de Jz 4 (RÖMER, 2016).

2 Débora – Divindade feminina ou sua sacerdotisa

A figura de Débora aparece 14 vezes na Bíblia Hebraica em três formas diferentes. Em Dt 1,44; Jz 14,8 e Is 7,18 a palavra é homônima e aparece como substantivo comum feminino singular absoluto, o significado de "abelha" é usado nos três casos. No Salmo 118,12 a palavra aparece no sentido de "vespa", em Gn 35,8 e nas passagens de Jz 4-5 com o nome de Débora, um substantivo próprio, sem gênero, sem número e sem estado homônimo, ou seja, nesses casos não há outros significados para a palavra.

Se considerarmos a raiz da palavra com sentido homônimo, então o nome Débora significa "abelha", e na tradição judaica o nome corresponde à personalidade da pessoa (BRONNER, 2001, p. 101). Sobre esse fato, vale ressaltar as escavações arqueológicas feitas por Amihai Mazar no sítio de Tel Rehov (KAEFER, 2016a, p. 39-48). Mazar encontrou na cidade 25 cilindros de cerâmica de tamanho uniforme, usados na fabricação de mel. Acredita-se, no entanto, que, além destes, havia outros 50 cilindros do mesmo tipo, o que significa que a grande produção era usada para

exportação, contradizendo a antiga hipótese de que em Canaã não havia mel de abelha e sim apenas de frutas doces, como a tâmara e o figo.

Outro achado em Tel Rehov foram os vários objetos de culto encontrados ao lado do apiário, "entre eles o altar de argila de quatro chifres com duas deusas nuas, e entre elas a árvore da vida. Ou seja, junto ao apiário, havia um santuário, uma bamah, em hebraico" (KAEFER, 2016a, p. 45). O altar foi datado em 1300 a.C, no período do bronze tardio, e teria sido utilizado nos séculos seguintes até 830 a.C., período em que a cidade foi conquistada.

Ainda junto ao altar, também foi encontrado um cálice grande com a pintura de uma flor; é bem provável que o culto ali praticado estivesse relacionado a apicultura. O interessante é que o livro do Levítico proibiu o mel de ser queimado como oferta a Javé: "Nenhuma oferta que você trouxer a Javé deverá ser fermentada, pois nenhum fermento e nenhum mel devem ser queimados como oferta a Javé" (Lv 2,11). Se há proibição é porque existia esse tipo de culto no qual se queimava o mel para a divindade (KAEFER, 2016a, p.45-46).

A partir desses achados em Tel Rehov, é possível acreditar que Débora pode estar ligada de forma indireta à questão do culto, e podendo ser o culto das divindades femininas, caracterizadas pelas estátuas das deusas nuas e da árvore da vida. Assim, a menção a Débora como "mãe de Israel", mesmo nome atribuído às deusas mães, pode ser uma memória remanescente que aponta para o politeísmo de Israel, antes que as características dos deuses fossem incorporadas a Javé, e os atributos femininos como a maternidade, a criação e a fertilidade passassem a fazer parte do culto ao Deus único.

Ao referir-se a tal assunto, Mayfield (2009, p. 306-305) relaciona o conhecimento antigo e moderno da apicultura com os relatos de Juizes 4-5, argumentando que o autor de Juizes 5 usou o conhecimento sobre o ciclo de vida das abelhas para descrever uma batalha histórica. Essa imagem explica o nome de Debora, sua ascensão, a relutância de Barac, a morte de Sisara e o porquê Débora é mãe em Israel.

Considerando as impossibilidades das variações de sentido no nome de Débora, Kaefer (2016b, p. 60) nos diz que esse pode ser referência

à memória de um santuário que ali existia. Em Gênesis 35,8 há menção de um altar de Débora em Betel, semelhante a Jz 4,5. "Então morreu Débora, a ama de Rebeca, e foi enterrada abaixo de Betel, sob o carvalho que se chama Carvalho-dos-Prantos". O carvalho ou terebinto, ambas as palavras com a mesma raiz no hebraico, era considerada uma árvore sagrada, pois o termo sempre é identificado com uma função sociorreligiosa. O texto de Juízes 4,5 diz o seguinte: "E ela a que habitava debaixo da tamareira de Débora, entre Ramá e entre Betel, na montanha de Efraim e subiam a ela os filhos de Israel para o julgamento".

Uma explicação para a relação entre os dois textos poderia ser o fato do editor, ao conhecer o lugar mencionado em Gn 35,8 e ambas as mulheres terem o mesmo nome, ter relacionado às duas histórias por princípio hermenêutico, simplesmente para presumir que a escritura é elucidada com referência a outra. Assim, o autor acrescenta à narrativa de Débora uma localização antes não conhecida (SPRONK, 2001, p. 232-242). A pergunta que surge diante dessa ideia é o motivo que teria levado o autor, que tendo em mãos estas informações, não as citou integralmente.

Em Gn 35,8 a palavra usada para identificar a árvore é *'alôn* "terebinto" enquanto em Jz 4,5 *tômer* "tamareira" é usada para identificar o local onde Débora habita. Uma menção à mesma situação está presente em I Sm 10,3 "até o carvalho do Tabor". Aqui a memória pode ter relação com Gn 35,8 e Jz, 4, 5, pois a região onde existe o carvalho sagrado é a mesma. Contudo, não é possível dizer que o autor estivesse se referindo ao mesmo lugar, pois em Jz 4,11 a mesma raiz *'alôn* "terebinto" foi usada para indicar onde Héber, o Queneu, armou sua tenda, na montanha do tabor (SPRONK, 2001, p. 232-242).

Assim, sendo a palavra carvalho ou terebinto a tradução mais comum para árvore, porque no caso de Jz 4,5 o autor trocaria o termo por palmeira? Spronk (2001, p. 232-242) sugere que neste caso, a árvore é específica, e pode estar se referindo à existência de antigo culto pagão relacionado as deusas representadas ao longo da história com árvores estilizadas, semelhantes a palmeiras.

Outro dado interessante encontramos em Am 5,10,12, onde os juizes exercem sua função de julgamento no portão da cidade. O que chama a atenção é que no caso de Débora ela o exerce "embaixo de uma Palmeira" (Jz 4,5). Não temos outra citação bíblica que faça referência a julgamentos embaixo de palmeiras, neste caso podemos ter em nosso texto uma menção a uma profetisa e juíza de divindades femininas cultuadas no antigo Israel. Isso é uma hipótese pertinente já que, o culto a outros deuses/as sob a árvore era muito comum em Israel como vemos em Dt 12,2; 1 Rs 14,23; 2 Rs 16,4; 2 Rs 17,10; 2 Cr 28,4; Jr 2,20; Jr 3,6; Jr 3,13; Jr 17,2; Ez 6,13; Ez 20,28. Em Lv 12,11 temos também a proibição da oferta de mel à Javé nos santuários, isso significa que ele era usado como oferta aos deuses/as.

3 O culto às divindades femininas em Israel

Além das memórias contidas nos textos bíblicos, existe um grande número de achados arqueológicos que ajudam a compreender a magnitude do culto as divindades femininas em Israel. Segundo Schroer (2008, p. 119), 3000 estatuetas de deusas foram encontradas, o que mais impressiona é que dentre elas, 2000 são de Jerusalém.

A iconografia sobre divindades e árvores estilizadas é comum na região de Israel. As deusas Asherá, Ishtar, Inana, Qudshu do Egito, Athirat-'Elat de Ugarit, dentre outras, eram comumente representadas desse modo. O Jarro de Laquish, com imagem da árvore estilizada datado do século 13 a.C, a árvore da deusa egípcia amamentando e a figura da deusa sobre um leão contendo o nome de três divindades (Qudshu, Anat, e As-tarte), mostram o quanto as diversas culturas do período assimilaram e uniram as características das diversas deusas.

Nas escavações de Kuntillet Ajrud também foram encontradas inscrições epigráficas que chamam a atenção ao culto às divindades femininas. A cidade está situada a 50 km ao sul de Cades Barnea, a oeste do caminho para Gaza e Elat, precisamente no deserto do Sinai. Neste sítio que teria existido entre 795 e 720 a.C., dois potes de

cerâmica com inscrições merecem atenção. Em ambos os potes havia inscrições sobre a existência de Javé e a Deusa Asherá. Um deles dizia "Eu te abençoo por YHWH de Samaria e por sua Asherá". A segunda inscrição trás bastante semelhança "Te abençoo por YHWH de Temã, e por sua Asherá. Que ele te bendiga, te guarde e esteja com meu Senhor" (CROATTO, 2002, p. 32-44).

Como vimos nos exemplos acima, o culto às divindades femininas era comumente celebrado em Israel, as mulheres eram sacerdotisas e as serviam nas celebrações. vejamos o exemplo de IRs 18,19, "Pois bem, manda que se reúna junto a mim, no monte Carmelo, todo o Israel com os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal e os quatrocentos profetas de Asherá, que comem à mesa de Jezabel". As devoções femininas mais comuns neste contexto foram as Deusas Asherá e Ishtar que estiveram presentes no cotidiano e memória do povo (MATOS, 2014, p. 3-4)

O culto a Deusa árvore Aserá realizava-se, principalmente, em torno de uma árvore natural ou estilizada, ou seja, de um poste sagrado que podia estar ao lado de um altar seu ou de uma outra divindade, inclusive YHWH. Porém, seu culto foi realizado, de preferência, debaixo de uma árvore natural, nos chamados "lugares altos", santuários no ar vivo no topo das colinas e montanhas. Na maioria do tempo, uma imagem ou símbolo de Aserá estava também presente dentro do próprio templo de Jerusalém (OTTERMANN, 2005, p. 49).

Na história de Israel as práticas de culto foram se modificando gradativamente, durante a formação do povo (1250-1040 a.C.) a diversidade religiosa e simbólica construiu o imaginário. Os cultos eram predominantes nos "lugares altos" (Ex 20,24-25) e ao ar livre. Na Idade do Ferro I (1250/1150 a 1000 a.C.) desaparece a forma corporal da Deusa-Árvore e começa a ser comum animais amamentando e árvores estilizadas em esculturas, representando a fertilidade e prosperidade. Na Idade do Ferro II (1000-900 a.C.) os atributos eram o que simbolizavam as Deusas, por exemplo, a forma vegetal, e a árvore estilizada, isso é comprovado pelas imagens representativas de Asherá encontradas pela arqueologia (CORDEIRO, 2011, p. 28-29).

Nas cidades judaicas mais importantes dos séculos 8-7 a.C., como Jerusalém, Arad, Bersabéia, Beit Mirsim, Bet-Sames e laquis foram encontradas centenas de estatuetas-postes, enquanto nos territórios fora de Judá elas não aparecem em tanta quantidade, mas sim isoladamente (RÖMER, 2016, p. 165). Os postes são frequentemente tallados de forma manual, com um busto feminino posto em relevo, muitas vezes sustentado pelas mãos, a cabeça também é moldada.

Essa expressão da fé caracterizada pelo culto às deusas foi encontrada na comunidade judaica, principalmente nos túmulos e nas casas particulares do povo. Possivelmente era uma referência à deusa Asherá: "[...] teríamos uma prova de que faziam representações antropomórficas da deusa e que parece ser, ao menos indiretamente, atestado em certos textos bíblicos" (RÖMER, 2016, p. 165).

A memória de Débora profetisa e juíza à sombra da palmeira (Jz 4,4-5) pode significar que ela foi profetisa (até que ponto isso significa sacerdotisa, não sabemos) e juíza de Asherá, ou de outras divindades femininas da época. Não significa não ser de Javé, já que Javé aparece em algumas memórias casado com Asherá. Na releitura dessas memórias feitas pelos deuteronomistas, a partir da fidelidade exclusiva a Javé, ela passa a ser descrita como profetisa e juíza exclusiva de Javé, mas à sombra da palmeira.

Mayfield (2009, p. 306-305) seguindo a perspectiva de vários autores, mostra que as antigas influências do Oriente Próximo no cântico, levam a constatar que Juízes 5 é dependente dos mitos cananitas de Baal e Anat. vejamos:

A caracterização de Débora em Juízes 5 parece ter sido poderosamente influenciada pelos tipos de atributos militares associados com Anat no mito cananeu. Além disso, a caracterização de Jael no cap. 5 mostra a influência das histórias de Anat, em que ambas as histórias misturam "imagens militaristas com imagens de sexualidade e sedução". Além disso...explora um tipo mais historicamente orientado de erudição feminista bíblica e observa que Juízes 5 demonstra que, durante a Idade do Ferro, alguém em Israel foi capaz de imaginar uma mulher na liderança militar. Isto, naturalmente, levanta a possibilidade de que outras mulheres durante este período de tempo tenham exercido posições de liderança significativas (MAYFIELD, 2009, p. 306-305).

Eram muitos os deuses cultuados no mundo politeísta do oriente antigo. *El* era considerado o "pai dos deuses" e criador das criaturas. *Asherá* era a companheira de *El* e por isso chamada de "mãe dos deuses". *Baal* era o "senhor", "proprietário" ou "marido" que representava a fertilidade e a chuva. *Anat* era irmã de *Baal* e representava a concepção, o amor e a juventude. *Yam* era conhecido como rival de *Baal* e significa "príncipe do mar", *Mot* que também era rival de *Baal* dominava a maturidade e a morte. *Astart*, a deusa cananeia, corresponde à deusa babilônica Ishtar, que aparece diversas vezes mencionada nos textos ugaríticos. *Astart* também era conhecida como deusa da fertilidade, do sexo, da guerra e dos astros. *Dagon*, da Mesopotâmia, Síria e Filisteia, era o deus do cereal e por isso conhecido como doador da fertilidade. *Reshef* que também era adorado pelos cananeus era cultuado tanto como deus da violência e destruição quanto da paz e prosperidade (CORDEIRO, 2011, p. 25-26).

Em meio a esta diversidade religiosa o culto às deusas era comum entre homens e mulheres de Israel, sendo por vezes mais comum entre as mulheres. Como vemos em Jz 3,7: "Os israelitas fizeram o que é mau aos olhos de Iahweh. Esqueceram Iahweh seu Deus para servir aos baais e às asherás".

Eram as mulheres que atuavam ativamente nos cultos públicos dedicados às deusas, especialmente a *Anat* e *Asherá* como vemos em 1Rs 15,13: "Chegou a retirar de sua avó a dignidade de grande dama, porque ela fizera um ídolo para Aserá; Asa quebrou o ídolo e queimou-o no vale de Cedron"; vemos passagens semelhantes em: 2Cr 15,16; 1Rs 18,19; Jr 44,15.

Na história de Israel, a diversidade de deusas e deuses não era um problema para o povo que convivia com as diversas expressões de fé politeístas, como uma forma de significar a vida e os acontecimentos cotidianos (CORDEIRO, 2011, p. 25-26).

Segundo Matos (2014, p. 3-4), antes de existir a imagem masculina de um Deus criador de todas as coisas, havia a imagem de uma Deusa criadora. Foram encontradas diversas imagens das Deusas encarnadas como virgens e donzelas, criadoras,

senhoras ou mães. Estátuas femininas encontradas pela arqueologia, comprovam que o culto à Deusa-mãe como geradora é decorrente de um processo de evolução das diferentes fases e características do culto às deusas no decorrer dos anos, percebe-se então que o aspecto maternal não era a única característica atribuída a elas.

Essa concepção está fundamentada na observação do surgimento de uma nova vida a partir do corpo da mulher. Para os antigos, provavelmente, não havia nenhuma dificuldade em imaginar o universo sendo criado por uma Deusa-mãe, de cujo ventre emerge toda a vida. A Deusa-mãe, portanto, é o princípio cósmico da força vital. E, como geradora de vida, está diretamente relacionada com a agricultura; por isso, muitas vezes a deusa-mãe é chamada de deusa da fertilidade (MATOS, 2014, p. 3-4).

Compreendemos assim, que em Jz 5 os diversos símbolos e atributos incluídos à memória de Débora, parecem estar relacionados ao culto a divindades femininas. Como observado anteriormente, o culto a deusas-mães, sua relação com a fertilidade representada pela árvore, a menção a Débora que julga em lugares altos, e seu papel no texto como a salvadora do povo, nos permitem pensar que estamos diante de um personagem com características divinas.

4 A liderança feminina em Israel

Baseado nas palavras de Mayfield (2009, p. 306-305), não podemos deixar de mencionar que em Israel mulheres envolvidas em guerras e exercendo liderança não era algo tão incomum. As cartas 273 e 274 de Belit-Neshet, uma mulher e governante, autointitulada de Senhora dos Leões, provam que a liderança feminina, ainda que em menor escala que as masculinas, existiam sim em Israel.

Belit-Neshet governou uma cidade no fértil território da Sefelá por volta de 1350 a.C. Sua memória permaneceu graças às Cartas de Amarna, onde a mesma enviou duas correspondências para o rei do Egito relatando um conflito no território que ela administrava, informando as cidades que já haviam caído e pedindo ao rei que recupere seu território (RAINEY, 2015).

Lawson Younger (2002, p. 207) também relata essa possibilidade ao mencionar dois túmulos

assírios encontrados recentemente na antiga Galah (Nimrud), nos quais constataram corpos que pertenciam a duas princesas judaicas de Jerusalém.

Contudo, pelo que vimos nos relatos acima, apesar de ser perfeitamente possível que Débora fosse uma pessoa de liderança em Israel, parece que não encontramos indícios para afirmar outra coisa além de elementos que associem sua figura a memória de divindades femininas representadas por árvores estilizadas. A militarização da deusa pode realmente ser uma associação dos elementos próprios dos mitos da deusa Anat, e Débora pode significar um resquício de antigo culto feminino.

De certo modo, não seremos tão audazes para afirmar que Débora era uma deusa cultuada com elementos relacionados à árvore ou abelhas, apesar dos dados discutidos acima nos levarem a essa possibilidade. Débora não estava na batalha, apenas convocou Baraq; no relato do v. 7 quando ela "se levanta" como "mãe em Israel" também não vemos indício de muita coisa, pois associar a deusa como mãe era um atributo próprio das divindades femininas (RÖMER, 2016, p. 157-166; PAREDES, 2013, p. 173-181; MATOS, 2014, p. 3-4). Quando ela se intitula como "mãe", vemos o quanto sua memória ainda era forte entre o povo. Apesar de não ser a divindade responsável pela vitória, pois Javé faz esse papel. A menção a Débora nos leva a considerar que o autor tendo a memória da deusa a personificou e incorporou a ambos os textos.

Contudo, já que consideramos a antiguidade da tradição e sabemos que neste período uma associação de Javé e Asherá, assim como outras divindades, o deus Quemós e Ashtar, responsáveis pela vitória relatada na estela de Mesa (RÖMER, 2016, p. 157), podemos concluir que seria possível a menção às duas divindades em Jz 5, pois neste período não seria tão conflituosa a associação. O que podemos pensar é que a mão deuteronomista já não conhecia Débora como divindade e por isso não removeu sua memória.

Considerações finais

Realizou-se, no presente trabalho, uma busca pelas memórias de Débora contidas nas reminiscências de Juizes 4-5. As recordações encontra-

das no texto pertencem a eventos em Israel Norte e pertencem a uma coleção de livros chamada de salvadores e libertadores do povo que migrou posteriormente para as memórias do Sul, sendo reelaboradas ao longo dos anos pelos autores deuteronomistas.

Os autores consultados divergem em relação aos eventos descritos nos capítulos 4-5 de Juizes, mas pesquisas recentes apontam que os capítulos possuem duas tradições diferentes, uma originária do Monte Tabor com núcleo em Haroshet-ha-goiim e a outra no capítulo 5, 19-22 vinda do Vale de Jezrael. Os eventos descritos nos textos seriam então memória oral de acontecimentos turbulentos datados do século 10 a.C. e referem-se à queda das últimas cidades cananeias.

A partir das discussões sobre a origem do texto, a questão da memória de Débora sobressai, surgem inúmeras hipóteses sobre seu papel na sociedade de Israel e sobre as imagens que o texto transmite sobre ela. A Débora são atribuídas funções de mãe, profetiza, guerreira e juíza. Ademais, o texto traz diversos elementos que permitem a interpretação, como o simbolismo por trás do nome de Débora relacionando a "abelha" com os apiários encontrados em Tel Rehov, ou interpretar simbolicamente as referências sobre o episódio se passar em uma montanha e ela julgar debaixo da tamareira, gerando um questionamento sobre a semelhança das memórias de Débora com as divindades femininas do antigo Israel.

Após refletir sobre os temas levantados, concluímos que as memórias de Débora presentes em Juizes 4-5 apontam para antigas características de deusas femininas que com o passar do tempo foram esquecidas pelo povo, e que a memória de Débora teria se incorporado como parte dos acontecimentos turbulentos do século 10 a.C. já que a antiguidade da memória é consensual entre os referenciais teóricos.

Referências

ALMADA, S. Fazer justiça nos limites da anarquia – A profecia do livro dos Juizes. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/Ribla, Petrópolis, n. 60. p. 41-56, 2008.

BRENNER, Athalya (org.). *Juízes a partir de uma leitura de Gênero*. Trad. Fátima Regina Durães Marques. São Paulo: Paulinas, 2001. (Coleção A Bíblia: uma Leitura de Gênero)

CORDEIRO, A. L. A. *Onde Estão as deusas? Asherá. A Deusa proibida, nas linhas e entrelinhas da Bíblia*. São Leopoldo: CEBl, 2011.

CROATTO, S. *A deusa Aserá no antigo Israel: A contribuição epigráfica da arqueologia*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana, Petrópolis, n. 38, p. 32-44, 2002.

FINKELSTEIN, I.; SILBERMAN, N. A. *A Bíblia não Tinha Razão*. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

FINKELSTEIN, I. *Compositional Phases, Geography and Historical Setting behind Judges 4-5 and the Location of Harosheth-ha-golim*. Scandinavian Journal of the Old Testament, v. 31, n. 1, p. 80-91, 2017. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09018328.2017.1301639>. Acesso em 10 dez. 2019. <https://doi.org/10.1080/09018328.2017.1301639>

KAEFER, J. A. *A Arqueologia e os novos paradigmas Bíblicos*. Caminhos, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 129-141, jan./jun. 2016/b. <https://doi.org/10.18224/cam.v14i1.4831>

KAEFER, J. A. *Arqueologias das Terras da Bíblia II: Entrevista com os arqueólogos Israel Finkelstein e Amihai Mazar*. São Paulo: Paulus, 2016a.

KAEFER, J. A. *As "tribos de Israel"! Memórias remanescentes em Jz 5,14-18*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana/Ribla, Petrópolis, n. 75, 2017.

LAMONTAGNE, N. *The Song of Deborah (Judges 5): Meaning and Poetry in the Septuagint*. Dissertation (Masters) -- The Catholic University of America, Washington, 2013.

LANOIR, C. *Juízes*. In: RÖMER, T.; MACCHI, J.-D.; N., C. (ed.). *Antigo Testamento - História, escritura e teologia*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 322-337.

MATTOS, S. M. *A influência das Deusas Asherah e Ishtar na construção da imagem materna de Javé em Dêutero-Isaías*. *Âncora*, IS. I., v. ix, a. 9, mar. 2014.

MAYFIELD, T. *The Accounts of Deborah (Judges 4 5) in Recent Research*. Currents in Biblical Research, IS. I., 7.3, 2009, p. 306-305. <https://doi.org/10.1177/1476993X09104456>

OTTERMANN, M. *A Deusa Inana-Ishtar – uma rival de YHWH? Considerações feministas sobre as Deusas-árvore e o Deus único da Bíblia Hebraica*. *Hermenêuticas Bíblicas*. In: I CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA BÍBLICA. OIKOS/OCG; ABIB, 2006. p. 136-145.

PAREDES, J. C. R. G. *Mariologia: Síntese Bíblica, Histórica e Sistemática*. São Paulo: Editora Ave Maria, 2011.

RAINEY, Anson F. (org.). *The El-Amarna Correspondence: a new edition of the Cuneiform Letters from the site of El-Amarna based on collations of all extant tablets*. Tradução de Anson F. Rainey. Edição de William M. Schniedewind. Leiden: Brill, 2015. <https://doi.org/10.1163/9789004281547>

RÖMER, T. *A Chamada História Deuteronomista: Introdução sociológica, histórica e literária*. Trad. Gentil Avelino Tilton. Petrópolis: Vozes, 2008.

RÖMER, T. *A origem de Javé: O Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016.

SCHMID, K. *História da Literatura do Antigo Testamento: uma introdução*. Tradução de Uwe Wegner. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

SCHROER, S. *A caminho para uma reconstrução feminista da história de Israel*. In: SCHOTTRUFF, L.; SCHROER, S.; WACKER, M. *Exegese Feminista: Resultados de pesquisas Bíblicas a partir da perspectiva de mulheres*. São Leopoldo: ASTE/CEBl/Sinodal, 2008. p. 81-151.

SPRONK, K. *Deborah, a Prophetess: the Meaning and Background of Judges 4:4-5*. In: J.C. de Moor (ed.). *The Elusive Prophet* (OTS 45). Leiden: [s. n.], 2001. p. 232-242.

VAN SETERS, J. *Em Busca da História: Historiografia no mundo antigo e as origens da história bíblica*. São Paulo: EDUSP, 2008.

YOUNG, I. *Biblical Texts Cannot be Dated Linguistically*. *Hebrew Studies*, [S. I.], v. 46, p. 341-351, 2005. <https://doi.org/10.1353/hbr.2005.0038>

Leide Jane Soares dos Santos

Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), em São Bernardo do Campo, SP, Brasil.

Endereço para correspondência

Universidade Metodista de São Paulo
Rua Alfeu Tavares, 112
Rudge Ramos, 09641-000
São Bernardo do Campo, SP, Brasil